

CXVII

Tenho um dedo que adivinha

Diz-se para significar o pressentimento de um acontecimento, ou a posse do dom da presciência: «Tenho um dedo que me adivinha que ainda há-de ser coisa por aí além.» (Castilho, Casamento de oiro). — Diz-se às crianças, para as convencer a confessar uma maldade, fazendo-lhes crer que se possui um dedo revelador das suas acções.

Popular:

*Tenho um dedo que adivinha,
um dedo que me diz tudo;
preguntei-lhe se me amavas,
mas o ladrão ficou mudo.*

A locução parece fundar-se numa crença, que bem pode ser a de que os pactos com o diabo são firmados com sangue do dedo mínimo — que é «o que adivinha» (cf. neste artigo a locução *ter pacto com o diabo*), ou a que se narra na *Enciclopédia das Famílias*, 23.º ano (1909), p. 818, por êste teor: «Nos tempos que vão correndo, uma pessoa com seis dedos numa mão ou num pé, não passa de um fenómeno mais ou menos desagradável à vista; mas antigamente não era assim. Na idade-média acreditava-se em que o individuo que tinha um dedo a mais, possuía um sexto sentido, de que eram privadas as outras pessoas; êsse sexto sentido consistia na faculdade de poderem decifrar os sonhos proféticos. Tão enraizada estava a crença neste privilégio dos polidáctilos que, quando um artista queria representar a figura duma personagem dotada do dom dos sonhos proféticos, nunca deixava de lhe pôr seis dedos numa das mãos, ou num dos pés. Os documentos iconográficos desta natureza vão já sendo muito raros, infelizmente. Os mais notáveis são dois dos mais famosos quadros de Rafael. Na «Madona Sixtina», que se conserva em Dresde, o papa Sixto IV aparece com seis dedos na mão direita. O detalhe está pintado com tal arte e tanta naturalidade que, não o sabendo, se pode ver o quadro cem vezes sem se notar a existência do sexto dedo.

O outro quadro em que o grande artista de Urbino im-

primiu a referida superstição, é o célebre «Sponsalizio», que representa o matrimónio da Virgem. A figura de S. José tem o pé esquerdo descalço, não por simples capricho do pintor, mas para mostrar um sexto dedo, o qual, como o da mão de Sixto IV, não se distingue sem prévio conhecimento da sua existência.

Que o artista attribuisse a S. José o sexto sentido, nada oferece de extraordinário, pois que a própria História Sagrada nos diz que o pai putativo de Cristo recebia em sonhos as instruções e os avisos celestes.

A origem de tão curiosa crença remonta, sem dúvida, à infância da humanidade, pois entre os antigos Caldeus já era opinião corrente que tódá a pessoa que possuía um dedo supranumerário, podia adivinhar o futuro dos reis. Esta superstição de-certo se relaciona também com o costume dos Índios, que indicam a sabedoria e o poder sobrenatural dos seus deuses consoante lhes multiplicam os braços e, portanto, os dedos.

Seja como for, essa crença é das que mais depressa caíram no esquecimento, e bem o demonstram alguns infelizes que a natureza dotou com dedos a mais e boa sorte a menos.

Se a posse de mais um dedo significasse dom sobrenatural, êsse dom serviria aos seus possuidores de talisman, pelo menos, para não lutarem com as correntes agruras da vida. Contudo não se pode negar que alguns polidáctilos tenham exercido uma influência misteriosa sôbre os que os rodeiam. Ana Bolena, por exemplo, tinha seis dedos, o que não diminuiu, um ápice sequer, a sua celebridade.

Há pouco tempo ainda, havia na Arábia uma tribo, a dos hiabitas, de que talvez haja restos, a qual considerava uma desonra ter só cinco dedos. Todos os indivíduos dessa tribo tinham seis dedos em cada mão e em cada pé, e, como apenas contraíam matrimónio entre si, o fenómeno ia-se perpetuando de pais a filhos.»

Dizem os Ingleses: *A little bird told me.*

O dic. de Larousse insere a locução francesa *mon petit doigt me l'a dit*, e diz que, provavelmente, esta locução vem do hábito de se levar ao ouvido o dedo mínimo, chamado «auricular.» Esta origem é também admitida, como provável, por Afonso Mariette, na sua obra *French and english idioms and proverbs*, Paris, 1896, II, p. 54.

Não vejo relação entre o dom de presciência — a que as locuções portuguesa e francesa se referem — e o acto de se

coçar a orelha com o dedo mínimo, o que, aliás, se pode fazer com qualquer outro dedo.

CXVIII

Ter Espírito-Santo de orelha

Ter quem lhe diga o que não sabe, para o repetir diante de outrem; ter quem lhe inspire ou sugira alguma ideia; repetir o que outrem lhe disse ou lhe está soprando ao ouvido: «... isto de falar a hora tôda com dez minutos de Espírito-Santo de orelha, não passa de uma irresponsabilidade de papagaio.» (Fialho de Almeida, Saibam quantos...)

Entre outros dons, o Espírito-Santo possui o de profecia e o de actuar sobre a nossa vida, esclarecendo a nossa inteligência e fortalecendo a nossa vontade. Com o seu auxílio podemos levar a cabo as obras mais difíceis ⁽¹⁾.

Foi o Espírito-Santo quem inspirou à Virgem de Nazaré o voto de castidade, quem com suas luzes a iluminou para que pudesse penetrar os segredos do futuro ⁽²⁾, e quem esclareceu S. João, profeta desde o ventre materno ⁽³⁾.

Os livros evangélicos foram escritos pela inspiração do Espírito-Santo. (S. Mateus, x, 19-20, e S. João, xiv, 26 e xvi, 12-13) ⁽⁴⁾.

Todos os que teem a graça santificante recebem do Espírito-Santo os seus sete dons, isto é, sete aptidões da alma, que são: sabedoria, inteligência, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ *Catecismo popular católico*, por Francisco Spirago, trad. de Manuel Abúndio da Silva, Porto, 1908, I, 275.

⁽²⁾ *O Evangelho, explicado, defendido, meditado*, pelo padre Dehaut, trad. do padre António Gomes Pereira, Porto, 1905, I, 165, 181.

⁽³⁾ *Idem*, I, 180.

⁽⁴⁾ *Idem*, I, 123 e seg.

⁽⁵⁾ *Ob. cit.* na nota 1, I, 293-294.